

# Ainda há espaço para alfaiates no mundo do ‘pronto para vestir’?

*Paula Campos de Castro\**

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre as perspectivas de futuro da alfaiataria. Trata-se de um ligeiro levantamento histórico do ofício ao longo dos anos no mundo. As características e a hierarquia que os alfaiates utilizam para desenvolver suas tarefas também foram abordadas. Para situar as condições atuais da profissão no Brasil, buscamos o desenvolvimento da Indústria do Vestuário e a forte influência dos imigrantes europeus no setor. E, para encerrar, entrevistamos alguns alfaiates da cidade Juiz de Fora que ainda atuam no mercado de trabalho.

**Palavras-chave:** Alfaiataria. Indústria do vestuário. Imigração europeia.

## ABSTRACT

This paper aimed to reflect on the future prospects of tailoring. It is a slight historical survey of the craft over the years worldwide. The characteristics and the hierarchy that tailor use to develop their tasks have also been raised. To situate the current conditions of the profession in Brazil, we seek the development of the Clothing Industry and the strong influence of European immigrants in the sector. At last, we interviewed some tailors at Juiz de Fora that still working.

**Key-words:** Tailoring. Clouthing Industry. European immigrants

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo buscou fazer uma reflexão sobre a condição do alfaiate nos dias atuais. Segundo o dicionário Michaelis (1998, 1ª ed.), trata-se do indivíduo que talha e cose vestuários para o homem e representa uma das mais antigas profissões de que se tem notícia. Sua grande importância foi relatada ao longo da história e, no Brasil, teve sua origem com os imigrantes que aqui chegaram e teve seu apogeu nas décadas de 1930 até 1950. Tamanho era o prestígio dos alfaiates que, em 1946, Silvio Mazzuca (compositor paulista) compôs uma música

\* Mestrado em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. pa-ccastro@hotmail.com

“Cortando o pano” gravado por Luiz Gonzaga.

Até os anos cinquenta, era rara a peça de vestuário que não fosse feita sob medida, principalmente longe dos grandes centros urbanos. O cliente levava o tecido a um alfaiate que coletava medidas. A fazenda, como eram chamados os cortes tecidos, era molhada, para evitar algum encolhimento posterior. Sobre o próprio tecido era feito um o esboço do molde da peça com giz, seguido do corte e da confecção. Em geral, a confecção das calças era feita com duas provas e os casacos com três. Na primeira prova, tecido e forro eram moldados ao corpo do cliente e posteriormente testados, mas já com as frentes elaboradas. A terceira prova ocorria com mangas e gola alinhavadas, antes de concluir a peça. Após corrigir algum defeito, a peça era finalizada, arrematada e engomada.

Porém, com os avanços tecnológicos e o desenvolvimento da indústria de confecção de vestuário, percebeu-se o declínio da profissão. O desenvolvimento do segmento “pronto para vestir”, originalmente *ready to wear* ou ainda *prêt-à-porter*, abalou o prestígio dos profissionais e dividiu o mercado com os mesmos. O trabalho buscou fazer, primeiramente, um ligeiro retrospecto sobre o caminho do ofício até os dias atuais, bem como sua organização como profissão em sindicatos e hierarquias.

Uma seção foi dedicada à organização da alfaiataria inglesa que influenciou fortemente o restante do mundo. Também um pouco da história da indústria do vestuário no Brasil foi abordada, em que se observaram as influências, sobretudo dos imigrantes europeus que trouxeram suas experiências de seus países de origem para nossa cultura e economia. Por fim, houve a tentativa de diagnosticar a alfaiataria na cidade de Juiz de Fora. Como é notória, porém, a carência de bibliografia sobre o assunto, apesar de sua grande importância e contribuição para a indústria do vestuário, foram feitas algumas entrevistas com alfaiates que ainda exercem suas profissões na cidade.

Este trabalho tem por objetivo mergulhar no mundo da roupa sob medida para entender o que está acontecendo com a alfaiataria. Antes uma profissão tão prestigiada e, hoje, escassa. A tentativa de traçar um diagnóstico do setor na cidade faz parte deste estudo. Onde estão esses profissionais e o que estão fazendo? Quais alternativas eles encontraram para continuar no mercado e o que esperam do futuro?

Será que os alfaiates estão mesmo em vias de extinção (quase não encontramos mais profissionais atuando no mercado e, os que ainda estão, possuem idade bem avançada)? Será que as lojas de “pronto para vestir” foram mesmo gradualmente acabando com eles?

Pode-se notar que os poucos atuantes na profissão não possuem mais aprendizes, nome que se dava aos jovens que acompanhavam os alfaiates na busca do aprendizado do ofício e quase não existem mais escolas no Brasil. Portanto o ofício não está se renovando, tendendo ao fim. Algumas iniciativas, ainda que acanhadas, estão sendo feitas. A Associação dos Alfaiates e Camiseiros do Estado de São Paulo, por exemplo, tenta manter a profissão viva e vem oferecendo, desde o início de 2006, cursos de camisaria e calça e, em 2007, lançou uma revista intitulada “Sob Medida”. Porém, tais iniciativas não são suficientes para conter o processo de deterioração do ofício.

## 2 ALFAIATARIA

A palavra alfaiate, assim conhecida na língua portuguesa, é derivada do árabe *alkhayyát*, do verbo *kháta* que significa coser. Trata-se de uma das profissões mais antigas do mundo. Desde os primórdios, no Egito, posteriormente na Grécia e Roma, durante a Idade Média e Renascença teve sua importância marcada pela influência de seus profissionais no âmbito social dos que bem vestidos se apresentavam.

A alfaiataria sempre foi um ofício exclusivamente masculino, o que garantia uma harmonia entre os tipos distintos de simbolismo sexual no vestuário, porém, em 1675, durante o reinado de Luís XIV, “um grupo de costureiras francesas solicitou com sucesso a permissão para formar uma guilda de alfaiates femininos para confeccionar roupas para mulheres – iriam tornar-se as primeiras modistas”. (HOLLANDER, 2003, p. 88) Tal acontecimento repercutiu por toda Europa e a partir daí mulheres passaram a vestir mulheres e homens a vestir homens. “A moda ficou cada vez mais dividida entre a respeitável alfaiataria masculina e a frívola “moda” para as mulheres.” (HOLLANDER, 2003, p.88) Porém, como o consumo feminino era muito maior ocasionou um prejuízo para a alfaiataria.

O momento, segundo Hollander (2003), marcou o começo de uma divergência fundamental nas roupas dos dois sexos o que afetou todo o século XVIII; alcançou seu ápice no século XIX e ainda persiste.

A partir disso, a alfaiataria masculina prosseguiu como antes, de acordo com sua tradição artesanal, enquanto a moda feminina passou a oferecer mais ornamentos e possibilidades. A alfaiataria, contudo, não perdeu sua reputação, a atenção dos homens com sua aparência e com o vestuário continuou. Roupas bem modeladas, ajustadas e com um caimento impecável continuavam a representar a moda masculina. O tecido cuidadosamente cortado, moldes feitos sob medida e ajustados individualmente, garantiam um traje bem feito. O alfaiate era considerado habilidoso quando tinha a capacidade de transformar os desejos do cliente, mesmo em se tratando de voos da imaginação, em um traje bem feito e sem parecer tolo.

O alfaiate masculino inspirado podia ter suas próprias idéias audaciosas, mas ele as ajustava cuidadosamente ao gosto dominante para os clientes que queriam tentar algo interessante, mas não deveriam parecer ousados. Deste modo o ofício de alfaiate desenvolveu sua história técnica com lentidão, e seus praticantes aprenderam gradualmente novas práticas sem ter de descartar-se de habilidades adquiridas com muito esforço ou qualquer compreensão profunda do ofício. Se novos materiais se tornavam disponíveis, estes primeiro eram adaptados aos velhos métodos, que por sua vez eram adaptados para abrangê-los.” (HOLLANDER, 2003, p.93).

Um dos avanços importantes ocorridos com a evolução da alfaiataria foi a criação da fita métrica, tal como conhecemos hoje, em 1820. Antes o alfaiate mantinha uma única fita métrica para cada cliente, contendo marcações que indicavam suas medidas. A partir desse momento, as roupas masculinas começaram a ser confeccionadas não mais totalmente sob medida, mas utilizando uma proporção e algumas tabelas. Com isto, estabeleceu-se a padronização das roupas, fenômeno rapidamente assimilado no Novo Mundo, mas que os cavalheiros ingleses rejeitavam até a ideia. Porém, foi em 1870, com a invenção da máquina de costura que ocorreu o maior avanço da história da vestimenta. As máquinas eram usadas pelos alfaiates de forma que as costuras parecessem feitas a mão, mas com maior agilidade e rapidez. Pouco a pouco foram surgindo às primeiras roupas prontas, realmente similares àquelas usadas nos níveis mais altos da moda. Essa nova

situação, como de resto a história da alfaiataria, era novamente um empreendimento masculino.

A indústria do “pronto para vestir” ou como é conhecida no francês *Prêt-à-porter* revolucionou a forma como os trajes masculinos eram confeccionados, porém sua aparência permaneceu a mesma. “Trajes produzidos em massa, prontos para o uso do público em geral, foram criados com um padrão tão alto de design e acabamento como aqueles estabelecidos pela alfaiataria de antes.” (HOLLANDER, 2003, p.133).

### 3 CAVALEIROS DA AGULHA

As atividades artesanais sempre foram desenvolvidas pelas classes mais pobres da sociedade. Separados em categorias, os profissionais que atuavam nas especialidades de luxo recebiam o nome de “dignos” e “indignos” eram os que atendiam o restante da população, como mobiliário comum, roupas prontas e bugigangas. Os alfaiates de especialidades dignas eram denominados *Flint* e os indignos *Dung*. Sua formação, assim como os demais artesãos, era feita nas próprias oficinas, pois não havia escolas técnicas. Os mestres, como se chamavam quem dominava o ofício, transmitiam toda a habilidade e “mistérios” da profissão aos seus aprendizes.

Os alfaiates formavam uma classe bem organizada. Seu sindicato atuante era considerado um modelo entre os dos artesãos e conseguiu aumentar os salários durante a Primeira Guerra (1914-1918). Quando os mestres necessitavam de mão de obra, recorriam ao sindicato, onde existia um livro com os nomes de seus membros, funcionando como agências de emprego. Os profissionais sindicalizados se auto denominavam, segundo Laver (1989) “Cavaleiros da Agulha”.

### 4 A PROFISSÃO ALFAIATE

Alfaiates são profissionais que desenham, cortam, costuram e reformam roupas. Alguns trabalham como autônomos, podem atender clientes em casa e fazer peças por encomenda, outros são registrados em indústrias de confecções, nas linhas de montagem de roupas. Também há a possibilidade de trabalharem em lojas, efetuando concertos, alargando ou ajustando as peças prontas ao corpo do cliente, ou na confecção de figurinos para espetáculos. Porém, os alfaiates

tradicionais têm seu próprio ateliê.

Para exercer essa profissão, o indivíduo não necessita ter uma formação especializada. É o que, normalmente, chamamos de livre formação. Em outras palavras, da prática forma o profissional. Entretanto é recomendável qualificar-se através de cursos; e saber usar máquinas de costura e de acabamento. Os conhecimentos de desenho e informática são necessários aos profissionais que fazem opção em trabalhar na indústria de confecções, isto em função da constante automatização das linhas de produção. É importante, também, que o profissional mantenha-se atualizado sobre as tendências da moda.

Os alfaiates que trabalham na indústria são responsáveis pela primeira modelagem das peças que entrarão na linha de produção em série. No comércio é comum o alfaiate fazer parte de uma equipe responsável pelos ajustes necessários a serem realizados em peças dos vestuários vendidos nas lojas. Não há dados disponíveis sobre o número de alfaiates no país, mas os sindicatos afirmam que há muito mais profissionais do setor do que postos de trabalho. Também deve ser considerado que excelentes profissionais, os chamados “alfaiates tradicionais”, seguem “customizando” ternos e camisas para o mercado de executivos, que exigem um corte de terno impecável e personalizado.

Um bom alfaiate, normalmente, desenvolve uma clientela cativa, e são considerados “consultores de moda”, sugerindo e orientando seus clientes no uso adequado de tecidos, cortes conforme tendência de moda e características pessoais.

Os alfaiates se classificam, segundo o site Brasil profissões, da seguinte forma:

- Mestre-Alfaiate - profissional que também pode ser o proprietário do estabelecimento, habilitado quanto às medidas, corte, preparo e ultimação das peças do vestuário;
- Contra-Mestre - profissional que auxilia o Mestre-alfaiate e se dedica a tirar medidas, fazer moldes, cortar tecidos e provar as peças do vestuário;
- Ajudante de Contra-Mestre - profissional que corta os tecidos, usando moldes, ou sob orientação do Contra-Mestre;
- Oficial-Alfaiate - é o oficial que costura as peças do vestuário;
- Oficial de Paletó - é o oficial que confecciona o paletó completo ou peças a rigor como: *Diner-jaque*, fraque e casaca;
- Meio-Oficial - é o aprendiz de oficial, que auxilia costurando pensas, fazendo bolsos, enquartando frentes, ilhargas e mangas;

Ainda há espaço para alfaiates no mundo do 'pronto para vestir'

- Ajudante - é o aprendiz que faz o ponto mole, chuleia, acolchoa entretelas, lapelas e baixo de gola;
- Coleteiro - é o oficial que confecciona todos os tipos de coletes;
- Calceiro - é o oficial que confecciona todos os tipos de calça, inclusive o culote;
- Acabador - é o oficial que faz ombros, golas e prega mangas;
- Buteiro - é o oficial que faz reparos em geral;
- Passador - é o oficial encarregado de passar todas as peças do vestuário;
- Aprendiz de alfaiate - é o elemento que se inicia na profissão.

## 5 EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DE VESTUÁRIO NO BRASIL

Nos primeiros tempos da colonização, a indumentária brasileira era confeccionada em grosseiros panos de algodão para as pessoas mais simples, já os mais abastados, possuíam uma capa de baeta para frequentar as missas e, quando as posses lhes permitiam, um traje de cerimônia. Porém,

[...] como na dimensão temporal civilizar também significa vestir, aos poucos a população que possuía mais recursos foi intensificando suas preocupações com o vestuário, e o desdobramento lógico desse fato foi a maior difusão do ofício da costura nas cidades." (MALERONKA, 2007, p. 22).

O feitiço das roupas, como era chamada a confecção, custava muito pouco, pois se tratava de uma atividade artesanal e sem nenhuma regulamentação. Não havia um controle corporativo do ofício cabendo muitas vezes a cada artífice estipular o preço, diferente do já acontecia em países europeus, como, por exemplo, Portugal. Havia uma rígida divisão sexual nos trabalhos, o que impunha restrições às ocupações femininas. Os homens possuíam o privilégio de costurar para ambos os sexos e só utilizavam o serviço feminino quando a mão de obra era escassa.

Outra peculiaridade da alfaiataria brasileira foi o fato de não se firmar como uma tradição familiar. Os artífices empregavam mão de obra servil, o que fazia com que a aprendizagem dos meninos e adolescentes fosse dispensada. Além disso, o emprego da mão-de-obra de negros fez com que surgisse um grande preconceito para com o ofício, tornando-o desonroso. Com a vinda de imigrantes europeus para o Brasil e, posteriormente, com o êxodo deles para as cidades, em face

da retração da cafeicultura brasileira, o fato contribuiu para a retomada de atividades artesanais.

Progressivamente, alguns imigrantes e seus descendentes passaram a exercer ofícios ligados a produção do vestuário. Sem uma rigorosa abrangência, muitos deles possuíam um valioso substrato de habilidades para as artes e os ofícios, fruto de inúmeras práticas e experiências que haviam sido conservadas e que continuaram nos grupos familiares por muitas gerações, permitindo a execução de grupos psicomotores delicados e destreza fina própria para os trabalhos de agulha. Entregando-se à costura de forma perseverante, muitos imigrantes resistiam à idéia de alistar-se numa fábrica e, por possuírem muitos antecessores no ofício, que lhes abriam as portas das oficinas e alfaiatarias, foram se apropriando das oportunidades de trabalho (MALERONKA, 2007, p. 34).

Já no início do século XX, com o crescimento das oficinas, alguns alfaiates passaram a se empregar como assalariados, principalmente os mais jovens. Porém, é interessante notar que tais estabelecimentos, regidos por normas e regulamentos do ofício, restringiam o número de aprendizes, uniformizavam a aprendizagem e seguiam uma rígida hierarquia que correspondia à seguinte divisão: cortadores, ajudantes de cortadores, oficiais e aprendizes (MALERONKA, 2007, p.37).

Os alfaiates eram reconhecidos conforme suas habilidades e conhecimentos das diversas operações que lhes permitiam a confecção de uma peça completa do vestuário. Portanto, era necessária uma longa aprendizagem das técnicas de modelagem, corte e costura, tanto à mão quanto à máquina. Com um mercado de trabalho cada vez mais competitivo o profissional se via obrigado a explorar ao máximo suas habilidades e buscar sempre informações sobre as mudanças nos feitos que ocasionalmente ocorriam fora do país.

Era usual nessa conjuntura o desenvolvimento de técnicas muito aprimoradas, que confirmavam profundas raízes e reminiscências dessa operosidade. Pelas características do trabalho, esses artesãos executavam todas as operações, conheciam os materiais e manuseavam instrumentos distintos. Os conhecimentos e habilidades adquiridos permitiam-lhes praticar o ofício na exatidão do termo. Os rituais de trabalho guardavam relações construídas ao

longo de gerações. De outro lado, a especialização e a concorrência impunham modificações e alterações constantes no ofício. Na verdade, a trajetória do ofício da costura durante a primeira metade do século XX imbrica-se ao espetáculo da cidade em construção, onde costureiras e alfaiates, encorajados pelas oportunidades de trabalho, buscavam assegurar seu espaço profissional, algumas vezes ocupado nas condições mais precárias. Impunham-se a seu modo do trabalho, encarando-o como profissão, o que revelava um esforço permanente de inserção na cidade.” (MALERONKA, 2007, p. 38).

Com o crescimento da população nas cidades, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro, o procura por peças de vestuário mais acessíveis também cresceu ajudando a alavancar a produção de roupas no país. A partir de 1870, logo após a invenção da máquina de costura, foram introduzidas as primeiras indústrias de roupas em São Paulo.

O processo de industrialização propiciou um aumento na produção e a introdução de máquinas modernizou o procedimento de fabricação de roupas. Várias etapas, como o corte e a costura, passaram a serem feitos por menos trabalhadores, o que contribuiu para a diminuição do custo.

A contribuição de imigrantes no processo de industrialização no setor do vestuário, no Brasil, foi marcante, principalmente em São Paulo. Os sírios e libaneses chegaram no fim do século XIX, atraídos pelo crescimento industrial do país. Especializados no comércio, começaram a atuar nas ruas de maneira informal, “comercializando pequenas quantidades de mercadorias, os assim chamados turcos vendiam roupas, tecidos e quinquilharias.” (MALERONKA, 2007, p.40).

Aos poucos os sírios e libaneses começaram a fabricar as roupas que vendiam e, por volta de 1940, segundo Maleronka (2007), tinham, em indústrias de roupas feitas, investimentos maiores do que os imigrantes de outras nacionalidades precedidos apenas pelos italianos no sul do país. Outra contribuição importante ocorreu por conta dos judeus: como muitos deles eram bons artesãos nos países de origem, ao se dedicarem à confecção e comercialização de roupas obtiveram sucesso. A ascensão comercial deles lhes possibilitou uma boa reputação, propiciando a instalação de pequenas empresas concentradas em São Paulo, principalmente no bairro Bom Retiro. O sucesso dos judeus deveu-se ao baixo custo de instalação das oficinas de costura e à vida

austera e laboriosa que eles levavam.

Segundo Maleronka (2007, p. 43), “no transcorrer das primeiras décadas do século XX, o desenvolvimento que impulsionava a indústria e o comércio de roupas resultava de novas demandas que exprimiam o desejo de uma grande parcela da população”. Neste período, inicia uma queda no consumo do sob medida, confeccionado pelos alfaiates e há uma gradual popularização do consumo de roupas feitas. A autora afirma que interessantíssimo testemunho sobre a expansão das atividades industriais ligadas à produção de roupas em São Paulo, foi registrado em artigo de 1946 com o título “Roupas feitas”. Referindo-se ao desenvolvimento das fábricas de roupas feitas, asseverava a publicação que, na década de 1940, elas se dividiam em dois grupos distintos. O primeiro dedicava-se à confecção em grande escala e situava-se particularmente no Bom Retiro, no bairro da Luz e em algumas regiões do Brás e da Mooca. Sua produção era de padrão popular, e seus artigos abasteciam a capital e o interior. No mesmo grupo incluía-se uma pequena indústria que possuía considerável peso no conjunto dos estabelecimentos.

O segundo grupo dedicava-se à confecção de artigos de luxo e localizava-se no centro da cidade, constituindo um setor relativamente novo e que oferecia grandes vantagens. Argumentava o texto que essa nascente indústria de roupas feitas procurava se ajustar a uma lógica de produção, a qual permitiria, no futuro bem próximo, produzir, de maneira uniforme, grandes quantidades de mercadorias, como já ocorria com o calçado. Observa-se, até esta época, uma grande influência de países europeus na moda brasileira, principalmente a França. Porém, após a Segunda Guerra Mundial, no final dos anos de 1940, os Estados Unidos ocuparam seu lugar, passando a ditar moda e comportamento no país. Com suas indústrias a todo vapor, os americanos começaram a impor uma moda com características próprias.

Na década de 1950 a moda jovem norte americana conquistou o mercado e, como afirma Joffily (1999), a calça jeans ganhou espaço impulsionada por Hollywood, pois compunha, ao lado de uma camiseta branca, o visual de astros como James Dean, Marlon Brando e Elvis Presley. A influência do cinema era tão grande que muitas pessoas iam assistir aos filmes munidas de papel e lápis para copiarem o figurino dos atores. No final dos anos 70, a moda masculina sob medida perdeu

espaço para a indústria de peças prontas desenvolvida nos Estados Unidos com o nome de *ready to wear*. Essa indústria conquistou grande parte da clientela pela rapidez e praticidade e pelos preços mais baixos oferecidos em seus produtos.

Porém, mesmo ao enfrentar a concorrência das roupas feitas em grande escala, o trabalho dos alfaiates sempre tentou garantir espaço com as encomendas de clientes fiéis, homens que fazem questão de usar ternos bem cortados, com caimento impecável. Entre os consumidores, altos executivos, banqueiros, advogados e políticos. No entanto, sem a reciclagem natural e a entrada de novos alfaiates, o segmento que é formado por profissionais com idade avançada está a beira a extinção, pois, trata-se também de uma atividade muitas vezes passada de pai para filho.

## 6 ALFAIATARIA EM JUIZ DE FORA

Na busca de retratar um pouco da alfaiataria na cidade de Juiz de Fora, três alfaiates que ainda estão atuando na profissão foram entrevistados. Apesar da tradição e do reconhecimento de seus serviços prestados, ambos reconhecem o desgaste da profissão. Após as entrevistas, constatamos que existem poucos profissionais atuando na cidade e a faixa etária é avançada, entre 60 e setenta anos. Não foram encontrados jovens na profissão e o cansaço e desânimo estão presentes em seu dia a dia. Também não houve presença de aprendizes em seus ateliês. A falta de aprendizes é um fator preocupante para a profissão, pois sinaliza uma provável tendência a extinção dela. Tal fato ocorre, na visão dos alfaiates entrevistados, por duas razões.

Primeiramente, não há interesse de jovens pelo ofício, a alfaiataria não é mais uma profissão atraente com boas perspectivas de futuro. Em segundo lugar, as atuais leis trabalhistas dificultam a contratação de menores para o aprendizado.

Antigamente, um adolescente com quatorze anos de idade podia ser contratado por uma empresa com um salário equivalente a metade do salário de sua categoria para aprender as tarefas correspondentes à profissão escolhida. Atualmente, um jovem só pode iniciar sua vida profissional aos dezesseis anos e, apesar de não conhecer o ofício ao qual se dispõe a trabalhar, recebe não menos que um salário mínimo. A falta de experiência desestimula sua contratação e dificulta sua entrada

no mercado de trabalho.

Durante a entrevista, os alfaiates demonstraram certo saudosismo por dias em que a profissão era prestigiada. As oficinas, hoje em dia, são comumente procuradas para consertos de peças prontas, como por exemplo, bainhas e pences, ou seja, pequenos ajustes, segundo eles essa se tornou uma alternativa para sobreviverem às novas demandas de mercado. As encomendas de peças novas como ternos, camisas e calças quase não existem mais. A facilidade em encontrar ternos e camisas prontas no comércio e o preço muito acessível atrapalharam muito os negócios. Porém, todos foram enfáticos ao defenderem a qualidade do trabalho de um alfaiate e mesmo que seu custo seja mais alto ainda existem pessoas que não trocam um terno talhado por um bom profissional por outro encontrado em lojas de roupas especializadas.

Na visão desses profissionais, a tecnologia absorvida pelas indústrias de confecção os tornou pouco competitivos e dificultou muito suas permanências no mercado, levando ao declínio da profissão. Um dos profissionais entrevistados executa um trabalho diferenciado com a produção de fardas para militares e bandeiras. Ele, ao contrário dos demais, parece não ter problemas com a falta de serviço, possui uma clientela fiel e crescente, porém mesmo assim não vê muito futuro para seu negócio. A falta de interesse por parte de seus filhos o desanima a dar continuidade.

Portanto, são diversos os motivos que levam a acreditar que a profissão dos alfaiates está prestes a acabar. Como um profissional que não se encontra mais atuando uma vez disse: “somos dinossauros a caminho da extinção”.

## **7 CONCLUSÃO**

A alfaiataria é uma das profissões mais antigas que se tem notícia. Desde que o homem começou a se vestir, houve a necessidade de um profissional que lhe fizesse suas roupas. Observamos, com o caminhar da história, que o prestígio dos alfaiates sempre esteve relacionado ao se vestir bem. Uma pessoa bem vestida, com roupas bem talhadas representava uma boa colocação na sociedade, ou seja, suas roupas podiam ser o espelho de sua posição ocupada na sociedade.

Com o passar dos anos muita coisa na moda mudou como, por exemplo, a evolução dos trajés femininos e masculinos. Após a formação

de guildas de alfaiates femininos, posteriormente conhecidas como modistas, responsáveis pela confecção dos trajes femininos, a diferença entre a moda de ambos os sexos passou a se diferenciar muito. A moda feminina enveredou por um caminho mais criativo, enquanto a masculina, sempre mais austera, manteve seu ar conservador.

Mesmo sem muitas mudanças, havia uma moda masculina que era fortemente influenciada pelos ingleses (THOMPSON, 1988). A figura de George Bryan Brummel, um cavalheiro inglês que se tornou referência mundial com sua forma de vestir é um bom exemplo de tal influência. Os alfaiates ingleses se tornaram respeitados por todo mundo e fizeram do ofício uma profissão muito bem organizada. Porém, a partir de 1930, Braga (2007) afirma que os Estados Unidos passaram a dividir com a Europa o mercado da moda, principalmente com o sucesso de sua indústria cinematográfica e com a evolução da indústria do vestuário.

O grande ápice desta profissão ocorreu por volta dos anos de 1950, quando, segundo Lipovetsky (1989), cerca de 60% das pessoas se vestiam em costureiras e alfaiates. Porém, após os anos de 1960, a indústria da moda começou a apostar no prêt-à-porter investindo no desenvolvimento industrial. Até os grandes ateliês de alta costura franceses investiram nesse segmento e, em 1975, o sob medida não representava mais que dezoito por cento de seus negócios. Uma marca que divulgou o prêt-à-porter masculino pelo mundo foi a tradicionalíssima Pierre Cardin.

No Brasil os alfaiates vieram junto com os colonizadores, mas com a chegada de imigrantes sírios e libaneses, responsáveis pelo desenvolvimento da indústria de confecção, a alfaiataria iniciou seu declínio. Acompanhando a tendência mundial, as roupas sob medida foram perdendo mercado para as “prontas para vestir”.

Durante as pesquisas, observou-se que a alfaiataria é hoje uma profissão desgastada, com poucos profissionais atuando no mercado. Seus profissionais são pessoas idosas e sem perspectivas de dar continuidade em seus negócios. Quase não existem escolas e os aprendizes, antiga maneira de se passar os conhecimentos do ofício, já não existem mais. Não se sabe ao certo o motivo pelo qual uma profissão outrora tão prestigiada, hoje não atrai mais profissionais. É certo que a concorrência com grandes marcas de indústrias de vestuário dificultam o mercado, criando uma concorrência forte. Porém, um terno talhado por

um alfaiate, feito com as medidas do cliente e com a qualidade que só um bom profissional conhece ainda tem seu lugar.

Portanto, resta perguntar se existe ou não mesmo lugar para o alfaiate nos dias atuais gera uma grande reflexão.

### REFERÊNCIAS

BRAGA, João. **História da Moda**: uma narrativa. 5. ed. São Paulo: Anhembi Mourumbi, 2007.

BRASIL profissões. Disponível em: <<http://www.brasilprofissoes.com.br/verprof.php?codigo=5>> Acesso em: 17 maio 2013.

HOLLANDER, Anne. **O Sexo e as Roupas**: a evolução do traje moderno. Tradução: Alexandre TORT. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

JOFFILY, Ruth. **O Brasil tem estilo?** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1999.

LAVIER, James. **A Roupas e a Moda**: uma história concisa. Tradução: Glória M. de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MALERONKA, Wanda. **Fazer roupa virou moda** – um figurino de ocupação da mulher (São Paulo 1929-1950). São Paulo: Senac, 2007.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. 1998

THOMPSON, E.P. **A Formação da classe operária inglesa II**: a maldição de Adão. 2. ed. Rio de Janeiro: Oficinas da História, Paz e Terra, 1988.

**Artigo recebido em: 02/4/2013**  
**Aceito para publicação em: 03/7/2013**